

PECADORES, DE RYAN COOGLER: A MÚSICA COMO CONEXÃO ANCESTRAL[1]

RYAN COOGLER'S SINNERS: MUSIC AS ANCESTRAL CONNECTION

Mariana Luz[2] *Ariane Guerra Barros*[3]

RESUMO

O presente artigo é resultado das reverberações causadas pela obra de Coogler, que levou ao aprofundamento dos temas apresentados pelo filme, Pecadores (2025). Mesclando pesquisas de teor audiovisual e bibliográfico, buscamos compreender a Música como ser ancestral, que age como memória viva e garante que os antepassados e sua luta não se percam em meio a reescritas e adaptações falsas feitas com o objetivo de perpetuar o pensamento hegemônico colonial. O filme trabalha os temas de ancestralidade, apropriação cultural, apagamento histórico, pertencimento e identidade, centralizando-as na musicalidade, mais especificamente, no Blues, responsável por guiar a obra, seus acordes se apresentam como memória, resistência, acalento, ser identitário e conexão ancestral, demonstrando quão intrinsicamente integrados estes tópicos humanitários estão e como juntos, eles formam liberdade.

Palavras-chave: Pecadores (2025), ancestralidade, musicalidade.

ABSTRACT

This article is the result of the reverberations caused by Coogler's work, which led to a deeper exploration of the themes presented in the film, Sinners (2025). Combining audiovisual and bibliographic research, we seek to understand Music as an ancestral being, which acts as living memory and ensures that ancestors and their struggle are not lost amid false rewritings and adaptations made with the aim of perpetuating colonial hegemonic thought. The film addresses the themes of ancestry, cultural appropriation, historical erasure, belonging, and identity, centering them on musicality, more specifically, on the Blues, which is responsible for guiding the work; its chords present themselves as memory, resistance, solace, identity, and ancestral connection, demonstrating how intrinsically integrated these humanitarian topics are and how, together, they form freedom.

---

[1] Recebido em 13/04/2026. Aprovado em 26/04/2026. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.24220794
[2] Universidade Federal da Grande Dourados.marianaluzbento@gmail.com
[3] Universidade Federal da Grande Dourados. arianebarros@ufgd.edu.br



Keywords: Sinners (2025), ancestry, musicality.

No dia 03 de setembro de 2025, o programa “Sem Censura” da TV Brasil, recebeu como convidada a primeira mulher negra a ser imortalizada pela Academia Brasileira de Letras, Ana Maria Gonçalves, autora de “Um Defeito de Cor” (2006). Na entrevista, ela disse:

> “Um Defeito de Cor” foi o livro que me constituiu como mulher negra no Brasil. Porque sou filha de mãe negra com pai branco. É uma identidade que é muito negociada, né? Os negros de pele clara. Então, dependendo do lugar onde você está, dependendo do ciclo social, do teu nível cultural, você pode ser tratada como branca ou como negra. [...] A identidade negra é uma identidade que você vai construindo aos poucos e de modo retroativo, né? Conforme você aprende sobre você e você aprende sobre a história do passado, do passado negro no Brasil, você vai colocando pecinhas que estavam faltando lá atrás[...]. (Gonçalves, 2025)

Ser uma pessoa negra no Brasil é ter um vácuo em sua história, afinal, ela foi sequestrada e roubada da mesma forma que as pessoas que foram escravizadas. Ser uma pessoa de pele clara faz com que esse vácuo aumente ainda mais, pois nós precisamos descobrir que somos negros, para então tomarmos/retomarmos essa identidade. A fala de Gonçalves conta exatamente como é esse processo de reconhecimento e autoconhecimento e como ele é algo que “você vai construindo aos poucos e de modo retroativo”. E assim foi com o (re)conhecimento de um termo no qual me identifico: afrobege, termo designado para se referir a pessoas negras de pele clara (Cizar; Marx, 2022). Afrobege, parda, negra. Termos que destacam, rotulam e definem o “defeito de cor”; característica que não apenas define, mas identifica, retrata e impõe o “lugar” que ocupamos na sociedade. Sobre isso, no filme *Green Book: O Guia* (2018), traz a seguinte fala:

> Sim, eu vivo num castelo, Tony, sozinho! E gente branca rica me paga pra eu tocar piano pra eles porque se sentem mais cultos. Acontece que depois que eu saio dos palcos, eu volto a ser apenas mais um negro pra eles. Porque essa é a cultura deles. E sofro com isso sozinho, porque eu não sou aceito pela minha própria gente. Porque também não sou como eles. Então, se eu não sou preto o bastante, se não sou branco o bastante e não sou homem o bastante. Então me fala, Tony. O que eu sou?! (*Green Book*, *O Guia*, 2018, 82’21”)



Viver entre o ser e não ser e passar pelo processo de se entender como uma pessoa negra, como ser humano, apesar de todas as tentativas de desumanização, e ter esse entendimento questionado é solitário e doloroso. Vivemos em um lugar que incentivou a miscigenação como uma maneira de erradicar as pessoas negras que aqui existem, o fato de sermos mais da metade da população do país em 2025, não é algo que agrade a branquitude.

Desde o momento em que decidi escrever estas palavras e publicá-las, porque me apaixonei pelo que registrei, fiquei reflexiva do porquê escolhi o filme *Pecadores* (2025), de Ryan Coogler como meu objeto de pesquisa. E a compreensão que buscava veio através das citações anteriores. No fim, meu foco e paixão nasceu porque podemos vislumbrar esse filme como memória, este filme é memória, é vivo, é movido pelo ritmo, pelo *Blues*, preenchendo o vácuo que sentia em relação a ancestralidade, em relação a ser, não ser e me entender como e, acima de tudo, ele me lembra daqueles que vieram, dos que virão, de viver, de celebrar e de não desistir.

Para trabalhar de forma completa todos os temas que se propõe a trazer, *Pecadores* utiliza do Afro-Surrealismo, uma estética que nasceu na literatura e, atualmente, tomou conta da cinematografia produzida por pessoas negras, nos trazendo filmes como: *Corra!* (2017), *Desculpe incomodar* (2018) e *Não! Não olhe!*. O texto "*O advento do Afro-Surrealismo no audiovisual*" de Miguel Rico, explica que:

> Em 1974, o poeta e crítico musical Amir Baraka recorreu à expressão "expressionismo afro-surrealista" para descrever a obra do escritor norte-americano Henry Dumas. O termo passou, posteriormente, a ser conhecido somente por "afro-surrealismo" para designar uma estética literária, artística e cultural. Inaugurado por D.S. Miller como uma nova abordagem estética ao realismo contemporâneo, o afro-surrealismo, a par com o afro-futurismo, tornou-se um precioso mecanismo de representação artística, que aborda circunstâncias absurdas a que as comunidades afro-americana, ásio-americana, latina, feminina ou queer se encontram, frequentemente, sujeitas. (Rico, 2022, n.p).

Desta forma, entendemos que *Pecadores* se encontra nesse ínterim, no afro-surrealismo, pois ao utilizar esse movimento artístico, Ryan Coogler explora: apropriação cultural, apagamento histórico, ancestralidade afro, diáspora e arte negra. Para David Eduardo de Oliveira, sobre essas características, e inseridas em contexto



filosófico, considerando o corpo e a cultura, podemos reverberar que o filme

> ...é mais que uma memória. Ele é trajetória. Uma anterioridade. Uma ancestralidade. [...] É movimento descontínuo e polidirecional. (...) Trata-se de inventar enquanto se resgata; trata-se de re-criar enquanto se recupera. Assim é o movimento do corpo e da cultura. A cultura do corpo não nos interessa. Trata-se, isto sim, de pensar a cultura desde o corpo, trata-se de filosofar desde o corpo, não sobre ou contra ele. (Oliveira, 2007, p. 124).

É um filme cujo eventos acontecem de um nascer do sol para o outro. No início, somos apresentados aos nomes dos guardiões da memória de três povos, entre eles, os Griôs[4]. Em seguida, somos levados para Clarksdale, Mississipi. A narrativa gira em torno dos Gêmeos Fumaça e Fuligem, porém seu protagonista é Sammie, seu primo, ele é o Griô que nos guia pelo enredo. O filme começa no dia seguinte, 16 de outubro de 1932 e então regride 24 horas para explicar os acontecimentos do dia anterior.

A história ocorre no período em que a lei Jim Crow[5] estava em vigor, em certos momentos, a segregação chama a nossa atenção, certas vezes descaradamente, como quando duas personagens atravessam a rua do lado negro da cidade para o lado branco e vice-versa; e em outros é mais discreta, como dois personagens andando com certa pressa em uma estação de trem.

No primeiro ato do filme, os Gêmeos recrutam pessoas para trabalhar no *Clube Juke*, que estreará naquela noite; e a obra não tem medo de tomar o tempo que julgar necessário para explorar as relações apresentadas e nos contar quem são aquelas pessoas e qual papel elas terão no andar da carruagem.

No segundo ato, quando o sol está se pondo, o vilão é introduzido. O filme destaca sobre como a cultura negra foi roubada e apropriada pelos brancos. Ao longo dos séculos, essa cultura foi sugada e vampirizada, por isso, o vilão do filme é um

[4] São os guardiões da memória, da palavra, do conhecimento, das tradições. Contavam suas histórias com instrumentos como Agogô e Akoting (semelhante ao banjo).

[5] Jim Crow era o nome do sistema de castas raciais que operou principalmente, mas não exclusivamente, nos estados do sul e da fronteira, entre 1877 e meados da década de 1960. Jim Crow era mais do que uma série de leis rígidas contra os negros. Era um modo de vida. Sob Jim Crow, os afro-americanos foram relegados à condição de cidadãos de segunda classe. Jim Crow representava a legitimação do racismo contra os negros.



vampiro, um personagem branco que tem a habilidade de absorver as memórias e habilidades de suas vítimas, tomando-as para si. Ele olha para o Blues, para Sammie e para a comunidade que é apresentada com ganância, como se tivesse o direito de torná-los seus. O personagem faz alusão, ao mesmo tempo que é literal, ao processo de embranquecimento, apropriação e vampirização da cultura negra, afinal, é o que ele tenta fazer ao longo da narrativa: absorver as músicas e histórias de Sammie e torná-las brancas. Apesar disso, o filme se mostra firme ao apresentar o *Blues* como uma forma de resistência e um dos personagens, Delta Slim, destaca: "O Blues não foi imposto a nós como a religião. Não, filho. Isso nós trouxemos conosco de casa. O que a gente faz é magia, é sagrado. E rico." (Fala de Delta Slim, *Pecadores*, 2025, 30'36").

A música, o *Blues*, pode ser vislumbrado como o cerne da história, o que dá vida a ela e faz com que nos apaixonemos pela trama. Conforme a narrativa progride, vemos como a musicalidade dos instrumentos se encaixa no cotidiano dos personagens, como a ancestralidade de cada um é acordada pela música; como a alegria, o prazer, a magia, a proteção, a raiva e a dor são expressas através dos acordes do *Blues*.

Pecadores (2025), de Ryan Coogler, é um filme movido pelo ritmo, pela música. Ele nos lembra da ancestralidade e do que ela representa, como ela move nossa existência há séculos, como é existente desde tempos longínquos, e em sua presença, nos tornamos individuais, coletivos, e vivos de maneiras indescritíveis. Na narrativa, a música não é somente uma trilha sonora, é personagem, a grande protagonista, pois ela nos conduz pela narrativa e guia a história sendo contada com uma mão firme e gentil, abraçando e confortando, trazendo ambientação ao mesmo tempo que carrega os ancestrais e suas histórias. Sua presença é fortaleza, é emoção. Junto de Sammie, a Música é o Griô que lembra e relembra o que esquecemos.

O texto *De Exu aos Pretos Velhos – a encruzilhada como reencontro com a ancestralidade* de Ana Caroline da Silva Santos e Alexandre de Oliveira Fernandes, diz que:



> Por ser espaço de potência, a encruzilhada não é vista aqui como caminho apenas de Exu, mas também de preta e preto velho, que aparecem para dar a segurança necessária para o rodopio realizado na encruzilhada, tecendo o cosmoencantamento que vem da ancestralidade que acessamos em nós, num encontro conosco e com nossas/os ancestrais, numa ação conjunta para a descolonização do próprio ser e dos espaços por onde transitamos. (Santos; Fernandes, 2019, p. 3).

Pecadores, existe no centro de uma das encruzilhadas da vida e revitaliza o corpo performático ancestral. O texto de Maria Bandeira, *O corpo performático do negro da diáspora: influências do Teatro Experimental na atuação política do Movimento Negro paraense durante os Anos 80* (2022), traz a seguinte fala de Zélia Amador de Deus:

> Eu sempre acho que o teatro é o ator, mas é o corpo do ator, é o corpo por inteiro não é só a fala, a fala é só uma coisa a mais. […] A fala é só um complemento, mas o corpo tem que dizer antes […] Essa categoria de corpo performático talvez ela tenha raiz aí nessa história do corpo que tem que falar, o corpo tem que dizer. Quer dizer, talvez ela tenha muita influência quando eu vou pegar o corpo negro que é este corpo pleno de discurso. E não é só o corpo negro, o corpo daqueles que têm que contar a história e que não tiveram o dom da palavra, o corpo dos indígenas, por exemplo, é um corpo discurso. Então, é isto. Esse corpo discurso é um corpo performático. Corpo performativo, quer dizer assim. Um corpo falante, um corpo que contêm muita história […] Em outras palavras, é este corpo que, estigmatizado pelo racismo, será a marca da discriminação, exposto aos castigos e aos trabalhos forçados e a toda forma de exploração. Por outro lado, este mesmo corpo virá a ser instrumento de afirmação de identidades, no embate com os opressores num processo de tomada de consciência. (Amador de Deus, 2019 *apud* Bandeira, 2022, p. 10, 11, 17.)

Durante todo o filme, notamos a reafirmação da identidade de pessoas negras, personagens confrontando o racismo que diz que negros e negras são animais sem alma. A cena em que Sammie se apresenta no Clube demonstra como à Arte e Cultura são fundamentalmente atreladas à humanidade, e através da performance e da Música, os personagens se conectam com os ancestrais. Essa cena, traduz o conceito de ancestralidade melhor que quaisquer teóricos pudessem explicar. A canção se chama *I lied to you*, e é uma música que o personagem escreveu para seu pai, que é pastor – não à toa seu apelido no filme é “Pastorzinho”. Na letra da canção, ele reforça que ama seu pai, mas que pelas expectativas colocadas nele desde pequeno, ele mentiu: “[...] Dizem que a verdade dói, então menti para você.



Sim, menti para você, eu amo o *Blues*" (54'27"). Pouco a pouco, vemos todas as pessoas em cena se envolverem com a música entoada e musicada por Sammie, em uma passagem em que passado, presente e futuro se unem através da música, dos movimentos, das pessoas enfatizadas na cena. A música interage com os outros personagens e os une.

Somos levados para uma intersecção, começam os primeiros acordes do *Akoting* e vemos Delta Slim ensinando que a Música, o *Blues*, não foi imposto, foi algo "trazido de casa", e ao voltarmos para a cena, encontramos Sammie, tomado por sua performance e conseguimos ouvir a mudança na música com mais nitidez. Assim, os primeiros ancestrais aparecem. A personagem Annie narra, "Existem lendas sobre pessoas que nascem com o dom de fazer música tão autêntica que pode rasgar o véu entre a vida e a morte, invocando espíritos do passado… e do futuro" (*Pecadores*, 2025, 56'04"). Após essa fala, o corpo performático ancestral toma conta do enredo.

A partir de agora, iremos descrever as corporeidades dos corpos ancestrais e de seus descendentes, pois eles, assim como a autora, também se encaixam na rítmica de seus antepassados. Vemos a correlação entre o tocador do *akoting*, Sammie e o guitarrista. Os três se relacionam ao tocarem instrumentos de corda e com eles vislumbramos o passado, o presente e o futuro. Quando Sammie se apoia no palco, o guitarrista faz a mesma movimentação. A personagem, Pearline, dança de maneira similar a sua ancestral, ambas mantem sua autenticidade, porém é inegável a conexão entre suas danças. Os diversos instrumentos que aparecem se complementam e se sobrepõem, tornando a música rica e grandiosa. Desta forma, "[...] a ancestralidade funciona também como uma "bandeira de luta", uma vez que ela fornece elementos para a afirmação (também criação e invenção) da identidade dos negros de todo o país". (Oliveira, 2007a, p. 128)

A dança é algo que demonstra e corrobora com a ancestralidade dos personagens em cena. Vemos os espíritos dançando de maneira espelhada a todo o momento da cena: um dançarino de *hip hop* e uma dançarina que podemos



rememorar Iansã[6]; as mulheres na cozinha; os homens jogando enquanto balançam seus corpos; o personagem Bo e seu ancestral observando a sala de jogos; Gracie e sua ancestral fazendo gestos divergentes, porém que nascem do mesmo princípio de movimento; o dançarino coberto por panos, que pode ser remetido a Obaluayê[7], e o dançarino de rua dançam em sincronia; a bailarina gira em conjunto com as outras pessoas na cena e segundos depois, ela e Sammie compartilham do mesmo gesto. Conforme Sammie se torna mais confiante em sua performance, seu cantarolar se torna profundo e quando ele "rasga o véu entre a vida e a morte, ele também rasga o véu do esquecimento".

No *I Fórum Nacional de Performance Negra*[8] (2005), o historiador, Ubiratan Castro Araújo contou um Itan[9] sobre o Orixá Obaluayê, Orixá da cura e da doença. Haveria uma celebração entre os Orixás e Obaluayê por ser chagado, tinha seu corpo coberto por palhas. Envergonhado, ele decidiu não participar, porém Ogum, Orixá do ferro e da guerra, o incentivou a ir. Durante a festividade, Obaluayê se isola, então, Iansã, Orixá dos ventos e das tempestades, vai até ele e dança ao seu redor. Com sua ventania, ela levanta as palhas de Obaluayê e suas feridas se transformam em pipocas; ele é curado e se se mostra tão belo que seu brilho ofusca o próprio sol. Ubiratan conta esse Itan, pois:

> Eu leio que esse guerreiro, Obaluaiyê, é o povo negro, que era rei em sua terra, mas foi acometido de uma grande peste, a escravidão, que o arrancou de sua terra e o cobriu de marcas - de inferioridade, de sofrimento, de baixa autooestima. Essas marcas o obrigavam a se esconder debaixo de vários artifícios, da mestiçagem, das palhas do disfarce de não assumir sua própria

[6] Iansã (Oyá) é a Orixá dos Ventos e das Tempestades. Guerreira que representa um dos aspectos da força feminina. É dito que ela tem a delicadeza de uma borboleta com a força de um búfalo.
[7] Obaluayê é o Orixá da Cura e da Doença. Fortemente ligado à terra, algo demonstrado na etimologia de seu nome: Ọba (Rei), lu (senhor) e ayé (terra/mundo), rei senhor da terra.
[8] O Fórum Nacional de Performance Negra é uma iniciativa do Bando de Teatro Olodum, grupo teatral sediado em Salvador e dirigido por Marcio Meirelles, e da Cia. dos Comuns, sediada no Rio de Janeiro e dirigida por Hilton Cobra. Ele foi criado com o objetivo de propor e cobrar ações concretas no âmbito das políticas públicas culturais voltadas para a arte negra brasileira. (Francisco; Kabilaewatala; Peixoto, 2024, p. 10)
[9] ITAN é uma palavra nagô. Significa história, qualquer história. Esse tipo de história é uma herança da sabedoria dos escravos nagôs que viveram no Brasil, principalmente na Bahia. Faz parte da cultura oral de muitos brasileiros, por isso, é transmitido de boca a ouvido, de geração em geração. (Póvoas, 2004, p. 6)



> cultura com medo de ser reprimido. Entendo que Ogum é todo o movimento político de resistência negra - que diz: "- Entre, venha, não fuja! - mas só a arte, a dança, a música e a beleza de Iansã são capazes de não somente fazer com que a gente entre na sua festa, mas com que as nossas palhas todas sejam jogadas fora, as nossas feridas sejam transformadas em pipoca e que a gente possa voltar à nossa antiga imagem em uma sociedade de iguais. Então, acho que, vocês são Iansã. O teatro é Iansã. A arte é Iansã. Esse movimento, juntando a dança, a música, a roupa e a beleza, é capaz de curar nossas feridas. (Araújo *apud* Francisco; Kabilaewatala; Peixoto, 2024, p. 14)

A cena progride e nossas raízes pulam da tela e tomam vida própria, percebemos que liberdade e memória são uma única coisa. "Com este ritual... nós curamos nosso povo e nos libertamos" (*Pecadores*, 2025, 58'42"). Ao vermos, ao sentirmos esse rito, somos curados como Obaluayê. Porém quando o Clube "queima" com a intensidade do ritual, somos lembrados que aqueles que nos adoeceram, nos aprisionaram, ainda estão lá fora, à espreita, vendo beleza, conexão, resiliência, e querendo tomar tudo o que temos para si.

Ao longo da história, ritmos de coletivos negros vêm sendo embranquecidos. O texto *A Transformação da Música de Preto em Música de Branco* (2017), de Emanuela Nogueira, traz a seguinte reflexão:

> O jazz, ritmo musical criado nos Estados Unidos a partir da mistura de músicas que escravos africanos tocavam — principalmente o blues — com alguns ritmos populares na Europa. O gênero nasceu em bares e bordéis. Era um ritmo sabidamente negro até o surgimento da banda Original Dixieland Jazz Band, que foi quem popularizou a nomenclatura Jazz e foi uma das responsáveis por introduzir instrumentos como o piano, trombone e a clarineta, iniciando o embranquecimento do jazz, que se tornou de gosto da elite por volta de 1920. (Nogueira, 2017, n.p).

O cantor Baco Exu do Blues, em seu álbum/música *Bluesman* expõe seus ouvintes a uma verdade que foi enterrada e escondida pelas pessoas que escrevem nossos livros de história.

> Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos
> O primeiro ritmo que tornou pretos livres
> Anel no dedo em cada um dos cinco
> Vento na minha cara, eu me sinto vivo
> A partir de agora considero tudo blues
> O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
> O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues
> Tudo que quando era preto era do demônio



> E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues
> É isso, entenda
> Jesus é blues

No Brasil, um dos ritmos negros que sofreu e sofre diversas tentativas de embranquecimento é o samba. Nogueira afirma:

> Diferente do jazz, o samba não foi completamente roubado pela elite. Por ter em sua essência o improviso, a naturalidade dos versos surgidos em roda, os instrumentos simples e a clara presença do batuque, ele não agradava tanto os ouvidos brancos. Em vez de se apropriar definitivamente, em meados do século XX, uma fusão entre Samba, Jazz e um pouco de música erudita surgiu no meio musical carioca. Chamado de Bossa Nova, o gênero é uma espécie de "refinamento" dos ritmos citados anteriormente feito por jovens brancos de classe média que buscavam outras maneiras de tocar samba. A bossa é um ritmo mais "suave" que o samba, com pouquíssima presença dos batuques africanos e a incorporação de instrumentos como o piano e o violão. Por ser um ritmo já surgido na classe média, não demorou para fazer sucesso entre a elite brasileira e ganhar fama fora do país. (Nogueira, 2017, n.p).

Música, dança e ancestralidade: estratégias da resistência negra (2017), matéria de Margareth Artur, feita com base no livro *Desde que o samba é samba* do escritor Paulo Lins, diz que, "As raízes negras do samba são vistas pelo olhar da ancestralidade, 'entendida como princípio norteador da vida dos afrodescendentes e de produções discursivas identitárias do povo que sofre a diáspora e o preconceito racial'." (Artur, 2017, n.p).

Em *Ritmo e Espaços: o samba como expressão de identidade no Rio de Janeiro* (2024), de Lucas Soares e Bruno Mazochi, discorre:

> O samba, manifestação da diáspora vinda da África, foi reprimido, negando aos negros o direito de celebrar em um cotidiano marcado pela dor do racismo. Essa perversidade subjuga corpos, inibindo a expressão da corporeidade por meio de danças, ritos e festas. A conjuntura que marca o Rio de Janeiro através da influência afrodiaspórica nas regiões centrais da cidade no pós-abolição contribuiu para a projeção do samba e de outros movimentos político-culturais negros, que se constituíram na chamada Pequena África Carioca. (Mazochi; Soares, 2014, p. 2).

A cultura tem papel fundamental na construção do sujeito e sua identidade, o artigo *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo* de Stuart Hall, declara: "[...] a menção do seu impacto na 'vida interior' lembra-nos de outra dimensão que precisa ser considerada: a centralidade da cultura na constituição



da subjetividade da própria identidade da pessoa com um ator social.” (1997, p. 6).

E Nogueira afirma que “A principal problemática da apropriação cultural é o apagamento da identidade de símbolos oriundos da cultura africana para adaptá-los ao gosto da branquitude.” (Nogueira, 2017, n.p). E a cena que, para mim, é a cena mais emocionante de *Pecadores* tem a fala: “Os brancos gostam muito de *Blues*. Só não gostam de quem faz.” (Fala do personagem Delta Slim, *Pecadores,* 2025, 30’36”).

Um trecho da matéria de Artur descreve o livro de Lins de uma maneira que ressoa em conjunto com a cena da fala citada anteriormente. Os personagens Delta Slim, Fuligem e Sammie passam por pessoas negras que estão encarceradas e trabalham cantando na beira da estrada. Delta Slim, os fortalece com suas palavras e então conta sobre seu amigo, Rice, morto pela KKK[10]. Então, Delta Slim expõe toda sua dor pela morte brutal de seu amigo, transformando-a em *Blues*. Sua dor ecoa pela tela, por nós, pela memória de tantos Rices. A matéria diz:

> o papel da arte é enfatizada como bálsamo que ameniza a dor das mulheres obrigadas à prostituição, “recuperando o passado de escravidão e uma história que negou a cultura dos negros e a rotulou como atrasada, folclórica, primitiva, bárbara”. Segundo Mongim, a música e a dança são modos de expressão da resistência, preservação e disseminação cultural de um povo para quem vida e arte se misturam. A ancestralidade, na obra, revela-se como base da organização social, cultural e política de um povo que propõe uma maneira própria de viver na sociedade brasileira. (Artur, 2017).

E Stuart Hall, enfatiza:

> a cultura sempre foi importante. As ciências humanas e sociais há muito reconhecem isso. Nas humanidades, o estudo das linguagens, a literatura, as artes, as idéias filosóficas, os sistemas de crença morais e religiosos, constituíram o conteúdo fundamental, embora a idéia de que tudo isso compusesse um conjunto diferenciado de significados — uma cultura [...] Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. [...] Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas” (Hall, 1997, p. 1).

Portanto, ao nos destituir de nossa cultura, nossa música, nossa memória, há o apagamento de nossa existência, nossa identidade, pois sem isso não somos nada,

[10] KKK – Ku Klux Klan: é uma organização terrorista, extremamente racista, que acredita na supremacia branca. Conhecidos pelo histórico de atentados violentos contra pessoas negras enquanto usavam capuzes brancos que escondiam suas identidades.



sem isso, não temos pelo que lutar.

Pecadores (2025) mostra como Memória, Música e Ancestralidade estão intrinsecamente conectados. Por meio dele pude perceber que, enquanto cozinho, me encaixo na rítmica dos meus ancestrais que traziam vida para este ambiente antes sequer da minha existência se tornar uma possibilidade. Observando com cuidado, vejo os ritmos de minha avó, que tinha os mesmos ritmos de sua mãe, percebo a fartura de meu avô e posso partilhá-la com ele, assim como ele já a partilhou comigo e muitos outros. Ao escrever este artigo, vejo os ritmos de minha mãe, expressados pelas letras de um avô que apenas conheci na morte. Quando atuo no palco, quando incorporo[11] meus antepassados, sinto esses ritmos ecoarem e se expandirem, como se, finalmente, fossem livres para gritar.

Outro trecho do texto de Santos e Fernandes, traz a perspectiva das religiões de matriz africana e como elas são demonstração viva do poder invocativo da Música, pois é através dela que os ancestrais descem[12] nos terreiros.

> Os tambores, instrumentos ancestrais tocados por mãos de jovens umbandistas, convocavam o povo de Aruanda para saravá dentro do terreiro, assim como faziam os nossos ancestrais que viveram os tempos da escravidão no Brasil quando chamados para (re)memorar as práticas africanas. Giram os médiuns, a mente, a força, até tudo se tornar axé. É na vertigem que as energias se envolvem, não sou mais eu, sou aqueles que vieram antes de mim. (Santos; Fernandes, 2019, p. 5).

A música nos Terreiros como elemento de construção e aprendizagem histórica e construção de identidade (2022), de Taila Santos, fala sobre como

> a música dentro dos terreiros de candomblé tem um poder ancestral que envolve os seus membros em um rito religioso, mas também ensina e perpetua através da oralidade as histórias daqueles que foram arrancados de sua terra mãe, bem como referência e reverencia uma construção identitária longe do senso comum que apresenta os negros como escravos. (Santos, 2022, p. 1).

Assim como no filme analisado, nos terreiros de Axé, Orixás e Entidades são chamados pelo ritmo, pelo toque do atabaque, pelo ponto cantado. A musicalidade

[11] Termo usado dentro de terreiros para descrever o fenômeno mediúnico que permite com que os ancestrais tomem forma corpórea e trabalhem em terra.
[12] Outro termo de terreiro que descreve o ato de incorporar Entidades.



das religiões afro-brasileiras, é uma forma de incorporar e aproximar nossa ancestralidade. Através da rítmica, sentimos e lembramos. Através do atabaque lembramos que assim como nós, nossos anciãos tinham seu próprio ritmo e eram movidos por sua própria música. Música ancestral existe desde os primórdios da humanidade e com ela, lembramos, lutamos e resistimos.

Ao sentir o filme, sentimos os ancestrais, sentimos a Música que os movia, sentimos como ela ressoava, sentimos como as raízes são profundas e fortes, entendemos que apesar de estarmos em planos diferentes, nossa conexão continua firme, forte. Na *Cena* que mostra os poderes de Sammie, meus antepassados também foram invocados, o ambiente ficou cheio e vivo. A Música que nos move é transcendental, existe há milhares de anos e existirá muito depois que nós partirmos.

REFERÊNCIAS

Algozxz. **Pecadores**. [@.algozxz]. TikTok, 19 de mai. de 2025. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMAyGw7M4/> . Acesso em: 01 de ago. de 2025.

Archer Green. **when the director refuses to pick a genre**. Youtube, 7 de jul. de 2025. 17min42s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=txI97pJf334>. Acesso em: 02 de ago. de 2025.

APRESENTAÇÃO, Camilla. **por que o vampiro de pecadores é irlandês?**. [@pretaletrada]. TikTok, 09 de jul. de 2025. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMAyG9VqN/>. Acesso em: 15 de ago. de 2025.

ARTUR, Margareth. **Música, dança e ancestralidade: estratégias da resistência negra**. Jornal da USP. 21 de ago. de 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/musica-danca-e-ancestralidade-estrategias-da-resistencia-negra/>. Acesso em: 21 de jul. de 2025.

BACO EXU DO BLUES. **Bluesman**. 23 de nov. de 2018. Disponível em: <BLUESMAN (Filme Oficial)>. Acesso em: 20 de jul. de 2025.

BANDEIRA, Maria Ceci Leal. **O corpo performático do negro da diáspora: influências do Teatro Experimental na atuação política do Movimento Negro paraense durante os Anos 80**. Revista da ABPN. v. 14, n. Ed. Especial. Julho 2022. p. 10 – 11 – 16. Disponível em:



<https://abpnrevista.org.br/site/article/download/1414/1307/3718>. Acesso em: 18 de set. de 2025.

BOSCOV, Isabela. **"Pecadores": de Pantera ao horror, Ryan Coogler é só elegância**. Youtube, 17 de abr. de 2025. 7min24s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ay-62i9H-3U>. Acesso em: 19 de ago. de 2025.

BROCKMAN III, Charles. **That one scene in Sinners**. [@theonlycb3]. TokTok, 05 de mai. de 2025. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMAyGySMs/>. Acesso em: 01 de ago. de 2025.

COOGLER, Ryan. **Pecadores**. 17 de abr. de 2025. Disponível em: <https://www.primevideo.com/region/na/detail/0J21M9AM4CY8XJ74W902BIHZYM/ref=atv_hm_mys_c_cm9Ytn_1_2>. Acesso em: 19 de jul. de 2025.

Dastanica. **This film uses vampires to explain America's Oldest Sin | Sinners 2025**. Youtube, 12 de jul. de 2025. 9min22s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hupxgp-YJmQ>. Acesso em: 10 de ago. de 2025.

FARELLY, Peter. **Green Book: o guia**. 24 de jan. de 2019 (Brasil). Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Green-Book---O-Guia/0L8HTZKVPEZJ6FUMV73IK84XY9>. Acesso em: 16 de set. de 2025.

FRANCISCO, Rafaela. KABILAEWATALA, Renata. PEIXOTO, Jordana. **Arte + identidade negra = a performance negra? Um olhar para o fórum nacional de performance negra**. Rebento, São Paulo, no. 18, Jan-Jun 2024. p. 14. Disponível em: < https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/download/732/520/3547 >. Acesso em: 18 de set. de 2025.

FilmSpeak. **Sinners just changed filmmaking forever**. Youtube, 30 de abr. de 2025. 25min35s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DPGf5TfGwAk>. Acesso em: 10 de set. de 2025.

Gaveta. **Por que Hollywood está exaltando Pecadores? | Gaveta**. Youtube, 08 de mai. de 2025. 20min25s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SQmXzyo0aZo>. Acesso em: 22 de jul. de 2025.

GARCIA, Alê. **Afro-surrealismo: só o surreal pra explicar o real?**. Casa Black. 01 de abr. de 2024. Disponível em: <https://casablack.cc/art/afro-surrealismo-so-o-surreal-pra-explicar-o-real/>. Acesso em: 19 de ago. de 2025.

GARCIA, Alê. **Qual o REAL significado de PECADORES? Simbolismos, espiritualidade e cultura negra**. Youtube, 03 de mai. De 2025. 33min33s. Disponível



em: <https://www.youtube.com/watch?v=PwmEate2NOQ>. Acesso em: 03 de ago. de 2025.

GREEN, Juju. **Sinners Discussion (Playlist)**. [@straw_hat_goofy]. TikTok, 19 de abr. de 2025 – 02 de mai. de 2025. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMHWABbqWJ1DM-H3XS6/>. Acesso em: 20 de jul. de 2025.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: THOMPSON, Kenneth. **Media and Cultural Regulation**. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. Inglaterra, 1997: Educação & Realidade. Pp. 1 – 6. Disponível em: < https://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf>. Acesso em: 30 de mar. de 2026.

Heavy Spoilers. **Why this scene in SINNERS is PERFECT**. Youtube, 30 de abr. de 2025. 14min01s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Er3FN4yZoPw>. Acesso em: 14 de set. de 2025.

MIRANDA, Alex. **THAT scene was almost cut from SINNERS**. [@imalexmiranda]. Instagram, 22 de abr. de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DIxU9rnO6Wh/?igsh=MWJha2t5OWdyM3hyMQ== >. Acesso em: 28 de jul de 2025.

NOGUEIRA, Emanuela. **A transformação da Música de Preto em Música de Branco**. Medium. 22 de dez. de 2017. Disponível em: <https://medium.com/@nogueiraemanuela/a-transforma%C3%A7%C3%A3o-da-m%C3%BAsica-de-preto-em-m%C3%BAsica-de-branco-7b6b94b58d2f>. Acesso em: 21 de jul. de 2025.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, David Eduardo de**. Ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007a.

PEREIRA, Joseane. AZANHA, Tiago. **Griots: os contadores de histórias da África antiga**. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-griots-contadores-de-historias-da-africa-antiga.phtml>. Acesso em: 25 de jul. de 2025.

PILGRIM, David. **O que foi Jim Crow**. Jim Crow Museum. Setembro de 2000. Editado em 2012. Disponível em: <https://jimcrowmuseum.ferris.edu/what.htm.> Acesso em: 16 de set. de 2025.



PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Itan de boca a ouvido**. Ilhéus, Bahia. EDITUS - Editora da UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz. 2004. p. 6. Disponível em: <https://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/itan_de_boca_a_ouvido.pdf>. Acesso em 30 de mar. de 2026.

RICO, Miguel. **O advento do Afro-Surrealismo no audiovisual**. Comunidade Cultura e Arte. 17 de jun. de 2022. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/o-advento-do-afro-surrealismo-no-audiovisual/>. Acesso em: 19 de ago. de 2025.

SANTOS, Ana Caroline da Silva; FERNANDES, Alexandre de Oliveira. **De Exu aos Pretos Velhos – a encruzilhada como reencontro com a ancestralidade**. ISSN 2675-1291| Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade, v. 1, n. 2, p. 432-440, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/encantar/article/view/8746>. Acesso em 22 de mar. de 2026.

SANTOS, PH. **Assisti PECADORES e... | Faixa Comentada**. Youtube, 13 de ago. de 2025. 42min39s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=68qKDUvWjzE>. Acesso em: 13 de ago. de 2025.

SANTOS, PH. **PECADORES – Não é sobre vampiros | Crítica**. Youtube, 16 de abr. de 2025. 16min35s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FtaPg_A3JUY>. Acesso em: 30 de jul. de 2025.

SANTOS, Taila Barbosa. **A música nos terreiros como elemento de construção e aprendizagem histórica e construção de identidade**. Painel de comunicação - currículo, culturas, saberes e educações: questões etnicorraciais, de gênero, geracionais e sexuais. Disponível em: <https://static.even3.com/anais/405188.pdf?v=638892559116297630>. Acesso em: 21 de jul. de 2025.

Seijinho. **Pecadores só cometeu um pecado**. Youtube, 28 de jul. de 2025. 20min26s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yMicttBK7Us>. Acesso em: 28 de jul. de 2025.

SOARES, Lucas Nascimento. MAZOCHI, Bruno Rabetim. **Ritmo e espaços: o samba como expressão de identidade no Rio de Janeiro**. Congresso brasileiro de geógrafas e geógrafos. 07 a 12 de jul. de 2024. Disponível em: <https://www.cbg2024.agb.org.br/resources/anais/9/cbg2024/1727747794_ARQUIVO_f0142f78d410e25bd74f65e60e3be03d.pdf>. Acesso em: 21 de jul. de 2025. Thaís.



[@thxawis]. TikTok, 17 de mai. de 2025. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMAfDUvDU/Ç>. Acesso em: 13 de set. de 2025.

The Binge Zone. **Why vampire Remmick is the perfect villain in Sinners Explained**. Youtube, 29 de abr. de 2025. 11min37s. Disponível em: <https://youtu.be/J4FvcO9Ulpk?si=zhwXAgg63644FAzq>. Acesso em: 25 de jul. de 2025.

The Closer Look. **How to write intelligent horror – Sinners**. Youtube, 11 de jul. de 2025. 15 min25s. Disponível em: <https://youtu.be/vkDRSgo6tdo?si=j1IA5oUgn6PqIvN5>. Acesso em 02 de ago. de 2025.

The Film Zone. [@thefilmzone]. Instagram, 04 de jul. de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DKexY4_Mc2r/?igsh=bzc4M2RjZDRjcWhk>. Acesso em: 07 de ago. de 2025.

The Film Zone. [@thefilmzone]. Instagram, 12 de jul. de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DKz8li4vSFe/?igsh=MWI5a25uZmxob2dqaQ== >. Acesso em: 07 de ago. de 2025.

TV Brasil. **Sem censura recebe Astrid Fontenelle, Ana Maria Gonçalves e Adriana Alves**. Youtube, 3 de set. de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/YpTf2CHhRDc?si=xpAofL3VvwMQPUfg>. Acesso em 16 de set. de 2025.

ur internet mom ash. ***SINNERS* made vampires & movies sexy again**. Youtube, 21 de jun. de 2025. 41min04s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S7ObNoYAyKw>. Acesso em: 14 de set. de 2025.

Warner Bros. Entertainment. **Sinners | Casting, Music, Hoodoo Roots, & Makeup | Behind the Scenes | Warner Bros. Entertainment**. Youtube, 01 de jul. de 2025. 2min30s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5UZ0UAOxp58>. Acesso em: 20 de ago. de 2025.

Warner Bros. Entertainment. **Sinners | I Lied To You Song | Movie Clip | Warner Bros. Entertainment**. Youtube, 24 de jun. de 2025. 5min15s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S7jo5Cr6WUA>. Acesso em: 20 de jul. de 2025.

Warner Bros. Entertainment. **Sinners | Michael Becoming the Smokestack Twins | Behind the Scenes | Warner Bros. Entertainment**. Youtube, 08 de jul. de 2025. 10min49s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s72cBC-v6UE>.



Acesso em: 20 de ago. de 2025.

Warner Bros. Entertainment. **Sinners | Spirits of the Deep South | Behind the Scenes | Warner Bros. Entertainment**. Youtube, 19 de jun. de 2025. 8min03s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z1x1YpJWIHM>. Acesso em: 20 de ago. de 2025.

Warner Bros. Entertainment. **Sinners | Vampire Makeup FX | Behind The Scenes | Warner Bros. Entertainment**. Youtube, 02 de jul. de 2025. 10min56s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ELNkVGS1PJE>. Acesso em: 20 de ago. de 2025.